

MAURENE GOO
**UM LUGAR
SÓ NOSSO**

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Sumário

Sexta

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

Sábado

13

14

15

16

17

18

19

20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

Segunda à noite: Los Angeles

Terça de manhã: Hong Kong

58

Um ano depois

59

60

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

*Em memória da minha avó Swan Hee Goo,
que me apresentou os grandes romances em preto e branco.
E para Christopher, que me apresentou o amor verdadeiro.*

*Ela seguia, sempre cantando,
Em murmúrios de notável leveza;
A Terra parecia amá-la,
E o Céu sorria sobre ela,
Que se aproximava da profundez.*

John Keats Percy Bysshe Shelley, "Arethusa"

sexta

1 lucky

Quando seu rosto é reconhecido em todo o continente, não pode haver erros.

Muito menos no palco.

Olhei para o público gritando, cega pelas luzes, com o som de retorno bem fraco em meu ouvido. Os berros incessantes tornavam impossível ouvir minha própria voz.

Uma vez, quando me atirei nos braços esticados do dançarino de apoio durante uma apresentação, meu microfone minúsculo se deslocou sob a cortina de cabelo e minha voz falhou no momento mais dramático do meu hit “Heartbeat”.

A Ásia inteira ouviu aquilo. Uma infinidade de vídeos daquele instante se espalhou pela internet — alguns com o acréscimo de uma animação de uns coelhinhos e efeitos sonoros estridentes. Meu preferido mostrava uma vidraça também desenhada se quebrando no exato momento em que minha voz falhava. Era tão bem-feito que eu não conseguia ver sem cair na risada.

Meu selo não achou tão engraçado. Viu como um erro, uma imperfeição em uma estrela do K-pop até então sem nenhum defeito.

E esse erro era no que eu estava pensando ao subir no palco em Hong Kong. A última parada da minha turnê asiática.

Mas havia alguma coisa diferente no clima — uma vibração animada preenchia o espaço entre mim e o público. Era o motivo pelo qual eu fazia aquilo. Independente do que estivesse sentindo dias ou segundos antes de subir ao palco — independente de estar preocupada com a possibilidade de errar de novo —, tudo desaparecia quando a energia da plateia penetrava minha pele e passava para a corrente sanguínea.

Adoração feroz via osmose.

Minhas botas prateadas de salto agulha e bico fino estavam firmemente plantadas no chão, bem abertas, e meus pés me matavam, como sempre. Eu tinha um pesadelo recorrente em que elas me perseguiram por um estacionamento. Tinham tamanho humano e corriam atrás de mim em círculos infinitos. Meu produtor insistia que eu sempre usasse as mesmas botas quando me apresentava — elas eram minha “marca registrada”. Botas acima dos joelhos que se estendiam por minhas pernas compridas.

Eu era alta. Um metro e setenta e oito, o que em Seul é o mesmo que ser gigante. Mas não existia algo como “alta demais”.

Enquanto fazia os já conhecidos passos da coreografia de “Heartbeat”, eu consegui ignorar a dor que irradiava da planta dos pés, o short justo sempre enfiado na bunda e as longas mechas da peruca cor-de-rosa grudando no meu rosto todo suado.

Afinal, eu podia fazer aquela coreografia de olhos fechados, com as duas pernas quebradas. Já a tinha repetido centenas de vezes. Em determinado ponto, meu corpo passara a se mover sozinho, no piloto automático. Às vezes, quando eu terminava de cantar “Heartbeat” e, por causa de como a dança terminava, minha cabeça ficava congelada em um ângulo estranho no ar, eu piscava e me perguntava onde tinha estado nos últimos três minutos e vinte e quatro segundos.

Quando meu corpo assumia o comando daquele jeito, eu sabia que tinha me saído bem. Era recompensada pela precisão absoluta com que me apresentara.

E naquele dia não foi diferente. Terminei a música e olhei para o público. Os gritos dos fãs me atingiram de repente, quando voltei a meu corpo.

A turnê finalmente tinha acabado.

Nos bastidores, fui cercada de imediato: maquiadora, estilista, chefe de segurança. Me sentei em uma cadeira enquanto arrumavam e penteavam minha peruca e tiravam a oleosidade do meu rosto com aqueles papeizinhos.

— Não tira todo o brilho — eu disse a Lonni, minha maquiadora.

Ela franziu os lábios.

— Você tem dezessete anos. Não precisa estar suada para sua pele brilhar. E oleosidade não é “brilho”.

Humpf. Deixei que ela continuasse secando minha pele oleosa.

Os dançarinos de apoio entraram no camarim, um grupo de homens e mulheres em roupas pretas neutras e sexy. Pulei da cadeira — o que arrancou um irritado *tsc-tsc* de Lonni — e me curvei em reverência.

— *Sugohaess-eoyo!* — eu disse. — Muito obrigada.

Fazia questão de agradecer aos dançarinos tanto em coreano quanto em inglês, porque eles vinham de todas as partes.

Todos tinham sofrido comigo durante cada ensaio, durante cada parada da turnê, sem receber nenhum reconhecimento. Minha gratidão era sincera, mas também esperada. Estrelas do K-pop tinham que ser sempre meigas.

Eles se curvaram em agradecimento, suados e exaustos.

— Você arrasou, Lucky — disse um dos dançarinos, Jin, com uma piscadela. — Quase conseguiu me acompanhar.

Fiquei vermelha. Jin era fofo. Mas estava fora de cogitação, como quase todos os garotos da minha vida.

— Vou acertar aquela voltinha um dia — eu disse, com uma risadinha nervosa. Os dançarinos saíram juntos, para voltar ao hotel. Fiquei olhando para eles com inveja. Será que se reuniriam no quarto de alguém e comeriam um lámen juntos?

Tanto fazia. Eu não estava suportando meus pés. Sentei de novo na cadeira.

Sinto uma batidinha nas costas.

— Ei. Você também. *Sugohaess-eo* — disse a assistente de produção, Ji-Yeon. Ela sempre me dizia que eu tinha me saído bem, como uma irmã mais velha orgulhosa, ainda que severa. Ela me lembrava um coelhinho, com o rosto bochechudo escondido por uma franja moderninha e óculos gigantescos. Mas Ji-Yeon era um verdadeiro trator, e fazia as coisas acontecerem.

Ji-Yeon deu uma olhada em seu celular onipresente.

— Agora teremos um meet and greet por mais ou menos uma hora com os fãs que pagaram pra te conhecer. Bebe bastante água.

— Quê? — Eu tinha parado de fazer aquele tipo de coisa alguns anos antes. Pacotes especiais para fãs eram coisa de iniciante. Quando sua carreira estava em um patamar alto, ficava difícil de administrar aquilo.

— Pois é. Como foi o último show, achamos que seria bom ter uma boa sessão de fotos. — Ela me entregou uma garrafa de água.

— Então vou ter que ficar aqui por mais uma hora? — Tentei não choramingar ao falar.

— Vai ser rápido. Só chegar e sair. Você não quer fazer? — Ji-Yeon perguntou, olhando por cima dos óculos.

Não seja preguiçosa. Balancei a cabeça.

— Não, tudo bem.

— Ótimo. Agora vamos trocar essa roupa para os fãs te verem usando algo mais confortável — Ji-Yeon disse franzindo o nariz de leve, o que fez seus óculos subirem e descerem ligeiramente no rosto branco. — Menos as botas, claro. Elas têm que ficar.

Claro.

Minutos depois, eu estava sentada atrás de uma mesa autografando CDs, pôsteres e o que quer que os fãs tivessem trazido. Ainda que pouco antes só quisesse ir para a cama, a animação deles me enchia de uma energia familiar. Interações com o público andavam tão raras ultimamente.

— Posso tirar uma selfie?

Eu estava prestes a dizer “sim” para a garota com cabelo curtinho e aparelho nos dentes quando meu guarda-costas, Ren Chang, se colocou à minha frente e balançou a cabeça em negativa.

Lancei um olhar de desculpas a ela antes que o próximo fã se aproximasse com um pôster.

No começo, eu queria conversar e dar um abraço em todo mundo que esperava na fila para me ver. Quanto mais minha base de fãs crescia, mais nebulosos e sem rosto eles ficavam. Eu tinha que lutar contra o instinto de dar respostas prontas e engessadas.

— Obrigada por ter vindo — disse com um sorriso para um homem mais velho enquanto autografava seu pôster com uma caneta preta.

Ele assentiu, sem fazer contato visual comigo. Mas sua mão tocou a minha quando devolvi o pôster, e ele se aproximou. Eu podia sentir o

cheiro do que havia comido, o calor de seu corpo. Sem perder um segundo, Ren o empurrou com uma mão firme. De novo, lancei um olhar de desculpas, ainda que todo o meu corpo tivesse se contraído. No geral, não tinha nenhum problema com meus fãs homens, mas havia um grupinho suado e ávido demais que se aproximava com uma ansiedade meio assustadora. Mesmo naqueles momentos, eu precisava ser simpática. Mostrar que era grata pelo que tinha.

Em determinado momento, a fila acabou. Eu levantei, acenei e me curvei para os fãs que gritavam e aplaudiam. Eles foram à loucura quando fiz o sinal da paz e fui levada para a porta dos fundos.

No segundo em que pisei do lado de fora, paparazzi e fãs surgiram.

Flashes, vozes gritando meu nome, uma multidão de gente.

Ren e mais alguns guarda-costas me cercaram como uma membrana protetora. Quando alguém os empurrava, a força fazia com que o círculo de seguranças ondulasse em seu caminho do beco estreito até a van.

— *Eu te amo, Lucky!* — uma garota gritou. Meu instinto dizia para olhar para ela e dizer “Obrigada!”. Mas fazer aquilo seria abrir as comportas. E eu tinha aprendido a lição havia muito tempo.

Então só olhei para baixo, acompanhando os passos de Ren à minha frente. Manter os olhos em seu andar firme desacelerava meu coração, me dava foco. Eu gostava de ter algo em que pudesse focar. De outro modo, entraria em uma espiral de puro pânico diante da possibilidade de ser esmagada, cercada por um milhão de pessoas querendo um pedaço de mim.

Os guarda-costas diminuíram o ritmo, e arrisquei dar uma olhada. O carro estava perto, mas a multidão o bloqueava. A polícia havia chegado. A energia alimentava a si mesma, naquele estágio da obsessão

em que ninguém está no controle. Em que homens adultos com braços enormes enfrentavam meninas adolescentes de expressão atordoada, observando impotentes enquanto elas os escalavam como se fossem árvores, ferozes e famintas.

Meu coração acelerou, minhas mãos ficaram suadas e uma onda de náusea me atingiu.

— Fica perto de mim — Ren disse em voz baixa, esticando um braço grosso até meu corpo.

— E eu tenho escolha? — disse, com a voz rouca por causa do show. Estava um pouco irritada com Ren, mesmo sem ter motivo.

— Senão podem te esmagar — ele insistiu, de forma branda. Ren tinha a idade do meu pai, mas um físico fenomenal. E nenhum senso de humor.

Então me mantive perto dele — e, em segundos, um ar fresco invadiu o círculo, chegando até mim através da muralha de corpos.

Meu coração voltou ao ritmo normal. Levantei o rosto para o panorama iluminado de Hong Kong. Ele piscou por um segundo antes que eu fosse colocada a salvo na van.

A primeira coisa que fiz, então, foi tirar as botas.

2

jack

Fiquei vendo o presidente do Hong Kong Construction Bank falar pausadamente sobre o resultado do trimestre ou algo tão chato quanto até que meus olhos começaram a lacrimejar e doer. Globos oculares não haviam sido feitos para se fixar em uma única coisa por tanto tempo. Conferi o celular. Minha nossa. Já fazia meia hora? *Meia hora!* Por quanto tempo uma pessoa era capaz de ficar falando sobre coisas relacionadas a bancos?

— Pai — sussurrei, dando uma leve cotovelada nele.

Meu pai manteve os olhos escuros fixos no cara que falava no palco e não respondeu. Seu queixo quadrado continuava firme, seu cabelo meticulosamente penteado combinava com o colarinho engomado da camisa branca. Ele estava sentado bem ereto na cadeira desconfortável do salão do hotel, forrada com cetim creme.

Eu o cutuquei até que finalmente me olhasse, exasperado e franzindo a testa.

— Quê? — ele sussurrou.

— Quando isso vai... melhorar? — perguntei, sussurrando também.

— Você achou mesmo que um jantar de aniversário de um banco ia ser divertido? — ele perguntou, quase rindo.

Bem apontado. Olhei em volta do salão cheio de gente do mercado financeiro, comendo vieiras em roupas finas. Devia ser a noite de

sexta-feira mais deprimente da minha vida.

— Achei que pelo menos a comida ia ser boa — resmunguei.

— Ei, é de graça. — Ele virou para mim, apertando os olhos sob as sobrancelhas retas e esparsas. — Você tem que ficar.

Dei um suspiro e recostei na cadeira, sorrindo sem graça para as outras pessoas à mesa, que já estavam olhando.

— Eu tinha uma ideia bastante diferente de ano sabático, sabe? Envolvia mais mochilão e menos salões de festa.

— Jura? — Sua boca se contorceu enquanto ele reprimia um sorriso.

Quando anunciei que queria tirar um ano de folga antes de ir para a faculdade, meus pais concordaram — mas só se eu estagiasse no banco do meu pai no outono, depois que me formasse no ensino médio. Agora era outubro, e o trabalho de meio período estava me matando de tédio.

O homem no palco finalmente encerrou o discurso, e todos aplaudiram com educação. Graças a Deus. As pessoas correram para a mesa das sobremesas. Eu mesmo estava prestes a levantar para pegar um pedaço de bolo quando meu pai me impediu.

— Jack, quero que fale com algumas pessoas — ele disse, acenando para que um casal se aproximasse. Gemi por dentro. Ele me lançou um olhar ameaçador. — Você tem que levar esse estágio a sério. A ideia é conhecer gente. Algumas dessas pessoas têm ótimos contatos nas melhores universidades dos Estados Unidos.

Ótimo. Coloquei o sorriso mais simpático que pude no rosto. Era um bom sorriso.

Uma mulher asiática alta usando batom vermelho estendeu a mão para mim.

— Jack! Estamos tão felizes que tenha vindo hoje. Isso mostra iniciativa.

— Obrigado, Caroline — eu disse. Seus olhos se iluminaram com a agradável surpresa. Eu era bom em gravar nomes. — Mas, sendo sincero, só vim pelo bolo.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, assim como seu acompanhante — um indiano corpulento usando um terno caro. Nikhil, se não me falhava a memória.

— Não deixe de provar o tiramisu — ele disse, com um sotaque britânico refinado. — Está gostando de seu ano sabático, Jack? Tenho boas lembranças de quando fiz um mochilão pela Europa.

Lancei um olhar deliberado para meu pai. *Viu? Mochilão! É o que as pessoas fazem em anos sabáticos!*

Mas só disse:

— Ah, tem sido ótimo. Acho que há bastante coisa para aprender fora da faculdade, e tenho o privilégio de poder fazer isso. — Era uma indireta para meu pai, e eu tinha certeza que ele entenderia.

Nikhil estalou um dedo.

— Ah! Tenho uma pergunta sobre câmeras, Jack!

Me sobressaltei.

— Tem?

— Sim, já vi você no escritório com aquela sua máquina toda moderna — ele disse. — Você gosta dessas coisas, não é? Queria que me indicasse uma.

Meu pai se mexeu ao meu lado, e a tensão tomou conta de mim.

— Claro. Que tipo de coisa está procurando?

Nikhil começou a descrever o que queria, enquanto eu tentava manter a expressão neutra. Eu sabia uma ou outra coisa sobre câmeras.

Era louco por fotografia fazia anos, desde que tinha ganhado minha primeira câmera de presente de Natal dos meus pais — uma Canon Rebel que eu levava para todo canto. Para eles, não passava de um hobby. Tinham deixado aquilo muito claro quando comecei a pesquisar diferentes cursos de artes. Eles reagiram com extremo ceticismo, querendo que eu escolhesse cursos ligados a administração ou engenharia.

Fora aquilo que matara meu entusiasmo pela faculdade. E o motivo pelo qual pedi para tirar um ano sabático. A ideia de estudar administração ou qualquer outra coisa em vez de fotografia me deixava em pânico.

Mas a coisa mais importante que eu havia omitido dos meus pais era: eu nem tinha certeza de que queria fazer faculdade. Era algo que me parecia muito distante. Tão distante que eu nem sabia se em algum momento viria a ser parte da minha vida. Eu sabia aonde aquilo levava. A um salão, tiramisu e um terno caro demais.

Olhei para meu pai em seu terno caro demais. Aquela também não era a vida que ele escolhera. Ele havia estudado escrita criativa na faculdade. Tinha até um mestrado em belas-arts. Mas as circunstâncias da vida o tornaram o que é hoje.

Indiquei algumas câmeras para o Nikhil, então a conversa passou a finanças, e aproveitei para fugir para as sobremesas. Nada parecia apetitoso. O colarinho da minha camisa me sufocava, o barulho no salão era ensurdecedor. A cada momento ali, um medo existencial crescia dentro de mim. Eu sentia o tempo passar, sentia minhas células envelhecerem. Inspirei fundo, já sentindo a mente zumbir enquanto pensava em como conseguiria me livrar daquilo. Talvez uma doença? Meu pai tinha horror a germes, então talvez funcionasse.

Voltei para nossa mesa e sentei ao lado dele, tossindo tanto que seu corpo até se retraiu.

— Não estou me sentindo bem — resmunguei, dramático.

— É porque você está sempre passando frio — meu pai me repreendeu. — Por acaso tem aquecimento naquele seu casebre?

Meus pais odiavam meu apartamento em Sheung Wan. Assim que me formei, mudei de casa mesmo sem ter quase nenhum dinheiro, o que meu novo lar deixava claro. Embora o bairro fosse legal e bem caro, eu tinha escolhido um apartamento em um daqueles prédios antigos sem elevador. Eram bem pequenininhos, e geralmente ficavam acima de estabelecimentos comerciais que vendiam coisas como peixe seco e ervas medicinais. Mesmo assim, eu ainda não conseguia bancar todas as despesas sozinho, então precisava de alguém para dividir o apartamento — de um quarto — comigo. Era estressante viver quase sem dinheiro depois de ter pagado o aluguel. Meus pais se recusavam a ajudar, e eu preferiria morrer de fome a pedir tal coisa. Mas já não sabia se ia aguentar muito mais tempo, enquanto tentava de tudo para evitar a experiência universitária que meus pais visualizavam para mim.

— A gente tem aquecimento, sim — menti, sem dificuldade. — Minha garganta está começando a doer também.

Meu pai me lançou um olhar penetrante.

— Está se fazendo de doente para poder ir embora?

Funguei de um modo muito realístico.

— Por que faria isso? Você sabe que eu estava animado. É meu primeiro... lance de banco. Evento.

Ainda que seu rosto parecesse cético, eu senti a fobia a germes superando seu radar para mentiras.

— Tudo bem, já está terminando mesmo. Vai pra casa descansar um pouco. Precisa que a mamãe te mande comida?

A vitória mais fácil da história.

— Não precisa. Posso pegar *congee* na esquina de casa.

Ele resmungou alguma coisa sobre mingau coreano ser melhor do que *congee* antes que eu escapasse do salão para o saguão do hotel chique.

Minha família não era de Hong Kong. Meus pais eram coreanos e tinham emigrado para os Estados Unidos quando eram pequenos. Eu havia nascido e crescido em Los Angeles. Havia um ano, meu pai tinha recebido uma oferta tentadora no banco, que não podia recusar. Hong Kong era a capital financeira e bancária da Ásia.

Sempre era uma questão de dinheiro. Meu pai tinha deixado de lado seus sonhos de escrever o grande romance americano quando a família da minha mãe o pressionara a conseguir um “emprego de verdade”. O que o tinha levado ao banco. Então eles haviam tido filhos. O que o consolidara no mundo dos bancos e acabara nos levando até ali.

Dois porteiros abriram as portas duplas para mim. Assenti em agradecimento ao sair. Dei uma olhada da rua para o hotel, uma torre elegante de vidro, estonteante, cercada por outros arranha-céus. Muitos deles tinham detalhes iluminados em cor-de-rosa ou verde. Uma leve névoa se instalara sobre a água, dando a tudo uma sensação de sonho, futurista. Esfreguei os braços para me aquecer. Fazia mais frio do que seria de esperar pela época. O calor do verão geralmente durava até o inverno em Hong Kong.

Muito embora a saudade de casa quase tivesse me matado a princípio, eu havia começado a gostar de lá. Às vezes um lugar novo

parece estranhamente familiar, como se você já o tivesse visto ou passado por ele em um sonho.

Não querendo romantizar Hong Kong nem nada do tipo.

Caminhei ao longo da entrada curva para carros. Veículos luxuosos estavam alinhados à porta, e por pouco escapei de ser atingido por um — um Escalade preto que parou cantando os pneus. Os manobristas correram para abrir a porta de trás, de onde saiu um ruivo de óculos escuros.

Eu o reconheci pelo cabelo. Era Teddy Slade, ator norte-americano de filmes de ação. Nossa! Ele estava hospedado naquele hotel? Uma sensação sobrenatural de que não ia fazer boa coisa me levou a segui-lo de volta ao salão. O cara foi direto para o elevador. Alguém já segurava a porta para ele.

Uma mulher de óculos escuros usando um casaco preto entrou no mesmo elevador logo depois.

Ela tinha o perfil distinto da Celeste Jiang, estrela de Hong Kong. Eu não conseguia acreditar. Mandei uma mensagem imediatamente para Trevor Nakamura: **Acabei de ver o Teddy Slade no hotel Skyloft. Com a Celeste Jiang.**

Trevor era editor do *Rumours*, o maior e mais baixo tabloide on-line de Hong Kong.

E eu trabalhava para ele.

Recebi imediatamente uma resposta: **Todo mundo tá querendo flagrar esse caso. Consegue uma foto?**

Fazia quatro meses que eu trabalhava com Trevor em paralelo, tirando fotos sempre que possível. Sem que meus pais fizessem ideia daquilo, claro.

Escrevi de volta: **Pode deixar**. Então fiquei olhando os números se sucedendo no elevador, que só parou na cobertura.

Peguei vocês.

Fui atendido com toda a simpatia na recepção. Hotéis chiques tratam todo mundo bem, porque nunca se sabe com *quem* se está falando. Até onde eles sabiam, eu poderia ser filho do Jackie Chan.

— Boa noite, senhor. Como posso ajudar?

Uma jovem baixinha me cumprimentou em um inglês com um leve sotaque. Eu a avaliei. Sabia que naquele tipo de lugar não deixavam as pessoas subirem para os andares dos quartos a menos que estivessem hospedadas ali. Era por isso que celebridades iam para lá. Estávamos em um pequeno hotel-butique, cujos funcionários provavelmente eram capazes de reconhecer a maior parte dos hóspedes. Era tudo uma questão de discrição.

Abri um sorriso rápido para ela e olhei para o nome na plaquinha no uniforme.

— Oi, Jessica. Vim encontrar um amigo que está hospedado aqui. Onde posso ficar esperando por ele? — Meus olhos se demoraram nos dela um segundo a mais.

A recepcionista ficou vermelha e sorriu de volta.

— Acho que o melhor lugar é no saguão, perto do elevador. Assim seu amigo vai te ver assim que chegar.

— Obrigado, Jessica. — Toquei em seu braço gentilmente antes de passar ao saguão. Ciente de que ela ainda me observava, sentei em uma das poltronas de veludo azul-claro e peguei o celular, como se fosse mandar uma mensagem para o tal amigo. Na verdade, aproveitei para pesquisar sobre o hotel. Havia mais de um quarto na cobertura?

Sim. Havia dois. Fácil.

Esperei alguns segundos antes de voltar a olhar para Jessica, que estava ocupada com outro cliente. Dei uma olhada rápida pelo saguão — à meia-luz e cheio de móveis elegantes. E flores. Muitos arranjos de flores.

Ouvi o barulho do elevador e olhei para lá. Um casal branco falando alto com sotaque australiano saiu, e uma mulher asiática usando uma echarpe estampada entrou. Levantei, peguei um arranjo grande de uma mesa de centro e entrei no elevador junto com ela, indo direto para o canto.

O vaso era maior do que parecia na mesa, e quase esmagou a mulher no elevador. Eu nem conseguia vê-la. Eu a ouvi bufar ao desviar de mim para apertar o botão do seu andar. Por entre a folhagem, vi o número dezessete se iluminar depois que ela passou o cartão no sensor.

Certo. Era preciso uma liberação para escolher o andar.

— Droga. Não consigo pegar o cartão com essa monstruosidade que preciso entregar — eu disse, com um sotaque britânico igual ao que os jovens de Hong Kong que haviam estudado em internato costumavam ostentar. — Se importa de apertar o botão da cobertura para mim?

A mulher soltou um suspiro sofrido e demorado, então a ouvi passar o cartão para atender meu pedido.

— MUITÍSSIMO obrigado — eu disse, atrás de antúrios gigantes e folhas riscadas de rosa. Ela não respondeu.

Ótimo, moça. Quem se importa se você deixou um assassino entrar?

A mulher saiu no andar dela, e eu soltei um suspiro angustiado.

— Boa noite! — disse enquanto ela ia embora. Não recebi resposta, então as portas se fecharam. — Já vai tarde.

O elevador seguiu direto para a cobertura.

Era hora de tirar aquela foto.

3

lucky

— Temos mesmo que ver isso agora? — Encarei meu produtor.

Joseph Yim não desviou os olhos dos meus.

— Você vai aparecer no *Later Tonight Show* daqui a três dias. Se tivermos algo a melhorar, precisamos saber, não acha?

Sua camisa azul-clara parecia impecável por dentro da calça azul-marinho. Com maçãs do rosto pronunciadas e olhos de aço, Joseph era uma figura imponente. Ele ainda não tinha trinta anos, e era um prodígio da cena K-pop. Muitos dos primeiros lugares das cem músicas mais tocadas eram do selo dele. Diziam que Joseph tinha um jeito misterioso de saber quem seria o próximo a estourar. *Jaeneung*. Um dom. E, naquele momento, seu grande sucesso era eu.

Se tudo corresse de acordo com o planejado, em alguns dias eu não apenas seria a rainha do K-pop, mas uma estrela internacional. A aparição no *Later Tonight Show* deveria me transformar em um nome conhecido nos Estados Unidos.

Estados Unidos. A fronteira final. Não havia muitos artistas de K-pop que tinham sido bem-sucedidos naquele país. O gênero sem dúvida ficava cada vez mais popular por lá, mas ainda estava para surgir uma estrela que disputasse espaço nas principais rádios com Beyoncé e Taylor Swift.

Naquele exato momento, eu era o talento número um de Joseph. Eu nunca o havia decepcionado, e ele me considerava seu amuleto da sorte. Não um pequeno exército de meninas que dançavam harmonias exuberantes em sincronia. Não um grupo de meninos lindos de cabelo escorrido que dançavam de maneira atlética enquanto cantavam rap.

Eu era a estrela. Lucky, que não tinha sobrenome. Lucky, cuja voz angelical tinha feito os olhos de Joseph se encherem de lágrimas no teste. Lucky, com seu rostinho “natural” e seus olhos grandes que promoviam milhares de produtos de beleza. Lucky, que tinha sido abençoada com uma altura que a destacava entre as outras garotas do grupo. Lucky, com seus passos de dança sempre precisos e femininos. Lucky, com seu inglês impecável.

Eu estava pronta para o sucesso, e o selo depositava em mim todos os seus sonhos e esperanças de popularidade nos Estados Unidos.

Sem nenhuma pressão.

Algumas horas depois do show, Joseph e Ji-Yeon ainda estavam no meu quarto no hotel, o que era irritante, com um laptop apoiado na mesinha de centro de mármore entre nós. Joseph queria assistir à minha apresentação daquele dia, e ele e Ji-Yeon me olhavam, à espera.

Eu poderia ir para a cama. Já tinha avançado o bastante na minha carreira e tinha muito mais liberdade do que no passado. Mas seus olhares em expectativa aumentavam ainda mais a pressão sobre mim.

— Claro, vamos nessa — eu disse, com um sorrisinho rígido.

Com uma batida rápida na barra de espaço, Ji-Yeon iniciou o vídeo.

Da minha posição reclinada no sofá felpudo, assisti a mim mesma pular, virar e girar no palco. Minhas mãos precisas faziam movimentos ondulantes ao redor do rosto enquanto cantava. Minha voz baixa ao sair pelos alto-falantes de pouca qualidade do laptop.

Vimos o show inteiro, do começo ao fim. Eu mal consegui prestar atenção, e ficava piscando para me manter acordada. Em determinado ponto, minha imagem na tela se transformou em um hambúrguer dançando. Hum... Hambúrguer.

Pelo menos minha apresentação tinha sido perfeita. Uma pequena chuva de confetes caiu sobre minha cabeça. Fraca e sem nenhuma alegria. Minha incapacidade de me animar fez com que me sentisse culpada, e me endireitei no sofá.

O vídeo acabou, e Joseph bateu palmas.

— Boa garota — ele disse, com uma risada baixa. — É por isso que você vai se dar bem. É confiável.

Confiável! Isso era música para os ouvidos de uma artista. Levei a mão à boca e fingi tossir para disfarçar os risos que subiam pela minha garganta.

Joseph ergueu a cabeça.

— Tive uma ideia.

Ai, Deus, não outra ideia.

— Vamos assistir à sua primeira apresentação de “Heartbeat” e comparar com a de hoje. — Ele sorriu para mim. — Podemos passar uma ao lado da outra. Para ver o quanto você melhorou.

— Era exatamente *isso* que eu queria para uma sexta à noite! — declarei. Embora Joseph e Ji-Yeon fossem fluentes em inglês, não captaram muito bem meu sarcasmo refinado.

Ji-Yeon se ajoelhou e posicionou o tablet ao lado do laptop, então fez uma busca no YouTube e encontrou a apresentação que eles queriam.

O vídeo era de dois anos atrás. Meu cabelo estava castanho-claro, curto e ondulado. O corte tinha sido copiado por milhares de

adolescentes depois que a apresentação fora transmitida. Três notas de baixo sinalizavam o começo da música, então a câmera se movia das ondas brilhantes do meu cabelo para meus quadris balançando e descia, descia, descia pelas minhas pernas. Naquela época, eu usava botas pretas sem salto que só iam até o tornozelo. Gostava delas.

Conforme a apresentação progredia, notei que eu me inclinava mais para a frente no sofá, até ficar literalmente na beira do assento. Não podia deixar de notar meu sorriso largo, a animação nos meus passos. O brilho nos olhos. Na apresentação mais recente, que passava ao lado, meus olhos estavam vazios. Como duas piscinas escuras de nada. Fiquei observando com atenção a Lucky de dois anos antes.

Quando tinha treze anos, depois de ter feito um teste no estúdio satélite em Los Angeles do meu atual selo de K-pop, eu me mudei para Seul. Fiquei sozinha, a quase dez mil quilômetros de distância da minha família, e tive que entrar em um treinamento intensivo. Meus produtores esperaram alguns anos para me submeter a uma cirurgia plástica — de modo que eu tivesse uma *ssangkkeopul* de aparência natural, a prega na pálpebra que tinha se tornado tão comum na Coreia do Sul que estranhariam se uma estrela pop não a tivesse. Então veio uma discreta modelagem do nariz. O que as pessoas chamam de “combo K-pop”.

Passei dois anos em um grupo de meninas, o Hard Candy, até ficar bem famosa. Então meus produtores me tiraram do grupo para investir em uma carreira solo. Em um piscar de olhos, quebrei todos os recordes, lotei todos os shows, ganhei todos os prêmios possíveis. E uma das chaves do meu sucesso era não me envolver em nenhum escândalo. Não havia nenhuma foto minha bebendo. Ou com um namorado. Ou me comportando mal.

Eu sempre parecia humilde, graciosa, contida.

Perfeita.

E aquilo fazia com que a mídia me amasse. Eu era tratada como uma princesa e altamente protegida por meus fãs. As reportagens sobre mim sempre focavam nas minhas boas ações e no meu sucesso. Nessa ordem. Porque minha música não era particularmente diferente — na verdade, era a melhor versão do que nunca saía de moda: músicas animadas e dançantes que grudavam na cabeça ou baladas doces e comoventes.

— Viu só? — Joseph perguntou, apontando para a antiga Lucky. — Você errou o passo bem ali. Hoje não faz mais isso. Ter evoluído tanto deveria te deixar feliz.

Eu não estava feliz. Estava perturbada. Me lembrava da velha Lucky. Da alegria que sentia ao me apresentar. De como ficava animada antes de cada show, cada sessão de fotos, cada lançamento de *single*. Na época, eu *de fato* me sentia uma verdadeira artista, pela pura alegria de amar o que fazia. Por poder fazer aquilo.

Eu achava que ainda sentia certa alegria quando estava no palco. Mas observando a antiga Lucky ao lado da atual, o contraste era notável. Meu Deus.

Eu nem me comparava à antiga Lucky.

4

jack

Equilibrando o arranjo de flores do tamanho de um são-bernardo em um braço, peguei o celular enquanto avançava pelo corredor, o som dos meus passos completamente engolido pelo carpete fofo.

Fiz uma rápida pesquisa sobre Teddy Slade. O filme que ele estava gravando em Hong Kong se chamava *Noite sem fim*. Desviei de um guarda-louça refinado no corredor enquanto passava pela lista de atores e membros da equipe. Escolhi um nome.

Havia dois quartos naquele andar. Minhas chances eram de cinquenta por cento. Se não fosse um, tentaria o outro. Fiquei de pé diante da primeira porta e inspirei fundo. Coloquei as flores no chão e tirei o paletó, então fiz uma bola com ele e o joguei longe no corredor. Enfie o celular no arranjo, de modo que as folhas e flores coloridas o escondessem.

Minha camisa branca estava toda amassada e enrugada, mas eu a enfiei dentro da calça preta e torci para que o arranjo de flores mutante me escondesse. Não podia fazer nada quanto aos tênis pretos.

Ergui o vaso de novo e, com um gemido, bati na porta — três vezes, de forma forte e segura. O sangue correu para minha cabeça, e senti a adrenalina que me era familiar.

Quatro meses antes, eu havia entrado de penetra numa festa VIP para impressionar uma garota em quem estava interessado, Courtney.

Estávamos em um restaurante e vimos algumas celebridades sendo levadas escada acima.

— Ai, meu Deus, acho que eu morreria pra ir lá em cima — ela tinha dito, sem fôlego, agarrando meu braço. O homem das cavernas dentro de mim se revelou, e aceitei o desafio.

Jogando alguns nomes inventados na hora e agindo como um babaca, consegui que nos deixassem subir. E depois consegui que Courtney chegasse perto o bastante de um de seus atores favoritos para que eu pudesse tirar algumas fotos.

Em meio a uma delas, uma mão me segurou. Quando me virei, nervoso, um asiático com cabelo comprido e cara de espertinho me olhava.

— Como conseguiu entrar aqui, garoto? — Eu pretendia mentir e cair fora, mas hesitei quando ele sorriu para mim e disse: — Sei que é um penetra.

Algo naquele sorriso me fez relaxar.

— Ah, é?

Ele assentiu.

— E se eu te pagasse pelas fotos?

Então passei a pegar alguns trabalhos freelancer com Trevor. Eles ficavam cada vez mais frequentes, conforme eu ganhava sua confiança. Não era o emprego dos sonhos nem nada do tipo, mas eu sabia que, quanto mais fizesse aquilo, mais dinheiro teria. E, de modo indireto, minhas habilidades fotográficas eram usadas. Era preciso enquadrar aquelas fotos de famosos entrando no carro direitinho e tudo o mais.

Alguns segundos depois que eu tinha batido na porta do quarto de hotel, ouvi uma movimentação do outro lado.

— O que é? — perguntou uma voz de homem, rude.

— Flores de Matthew Diaz.

Ele era o produtor executivo de *Noite sem fim*, de acordo com a internet. Eu tinha falado com o sotaque de algum lugar indefinido da Ásia que personagens estereotipados de filmes racistas usavam desde sempre. Quanto menos nos comunicássemos, melhor.

Ouvi uma conversa baixa. Meus braços já estavam cansados de segurar aquela monstruosidade de arranjo. *Por favor, Teddy, caia nessa.*

A porta se abriu e lá estava Teddy Slade, em toda a glória de quem tinha um caso. Cabelo ruivo despenteado com o peito peludo visível atrás do roupão mal amarrado. Ele era mais baixo do que eu, mas tinha o físico de um homem que com frequência aparecia na tela intimidando criminosos.

— Flores do Matt? — ele perguntou, com uma mão na maçaneta, impedindo minha visão do quarto. Dava para ouvir música. Um saxofone. Sério?

Eu torcia para conseguir tirar uma foto rápida de algum tipo de evidência física — sapatos femininos que eu poderia relacionar depois com uma foto de um evento mais cedo na mesma noite, ou qualquer coisa do tipo. Mas primeiro precisava entrar.

— Sim, senhor. Eu coloco em lugar seguro — disse, já passando pela porta. Meu sotaque era ofensivo aos meus próprios ouvidos, mas eu sabia que Teddy não pensaria duas vezes a respeito. A maior parte dos ocidentais que visitava Hong Kong falava devagar e alto comigo, assumindo que eu mal entenderia inglês. O preconceito fazia com que baixassem a guarda, me subestimando.

— Não, não, pode deixar que eu pego — Teddy disse, esticando o braço para as flores.

Fugi dele.

— Não, senhor. É pesado e delicado. Flor rara de floresta tropical antiga. Pode estragar.

Eu adorei dizer aquele “antigo” de maneira reverente, com meu sotaque asiático falso.

Segui em frente, quase derrubando Teddy com as folhas. Eu não sabia aonde estava indo enquanto tentava encontrar um lugar para o arranjo. Como esperado, a cobertura era enorme, com janelas por toda uma parede revelando um panorama estonteante da cidade. Quando me virei para colocar as flores em uma mesinha de canto, quase tropecei ao notar Celeste Jiang sentada em um sofá próximo. Vestindo uma camiseta grande demais para ela e bebendo um copo de água. Glamorosa, composta e incrivelmente linda.

Minha nossa. Aquilo era melhor do que eu poderia imaginar. Enfiei a mão no arranjo e tateei à procura do celular. Precisava encontrá-lo em cinco segundos, ou aquilo ficaria esquisito.

Teddy foi até mim. Quando levantei os olhos, vi meu próprio reflexo em um espelho enorme. Teddy Slade também estava refletido ali, entre as flores e Celeste Jiang sentada no sofá.

Encontrei o celular e tirei uma série de fotos.

— Tá, agora pode ir — Teddy declarou, bastante irritado. Olhei para Celeste antes de partir, notando sua expressão confusa.

Ela me pegou guardando o celular no bolso. Suas pálpebras pesadas se voltaram para minha mão, e um canto de sua boca se ergueu.

— Você pode arruinar muitas vidas com essa foto, sabia?

Sua expressão era neutra. As palavras tinham sido proferidas baixo e sem pressa.

Por um momento, congelei. Já tinham gritado comigo e me perseguido até a rua, mas era a primeira vez que alguém olhava em

meus olhos e dizia algo tão... direto. Ela estava me pedindo para não publicar?

Então Teddy estava ali, e eu saí correndo.

— Boa noite, senhores!

A porta se fechou com força atrás de mim. Eu sentia minha pulsação nos ouvidos ao pegar o paletó do chão e correr para o elevador.

Vocês arruinaram sua própria vida, Celeste.